

Rumo do norte

No Rio, as imagens de um artista do Pará

São objetos banais, detalhes de engenhocas de artesanato, encontrados nas feiras de Belém do Pará, que servem como tema para a pintura de Emmanuel Nassar, 35 anos, um paraense da pequena cidade de Capanema que desembarca finalmente no Rio de Janeiro com uma mostra de pinturas na Galeria Macunaíma da Funarte (preços de 100 000 a 140 000 cruzeiros). Não se trata de sua primeira aventura no Sul. Ao contrário, Nassar até mesmo morou em São Paulo. Depois disso, no entanto, ele decidiu retornar ao Norte, e agora, em sua primeira exposição individual desde 1981, volta com um trabalho consistente, marcado por uma nova intensidade de cores. O maior perigo para os artistas que vivem em locais mais afastados do eixo Rio-São Paulo é a preocupação com as modas ou tendências que pensam comandar o rumo das artes. Não é esse o caso de Nassar. Ele faz, ao mesmo tempo, um trabalho original e distante dos provincianismos.

O Pará, já há alguns anos, exhibe um grupo de artistas plásticos dotados de originalidade nas cores e temática. É rara, porém, a disciplina na carpintaria do ato de pintar e é esta característica que distingue a obra de Nassar. No início da carreira ele desenhava corpos femininos, e depois chegaria a experimentar um desenho mais narrativo, bem realizado, porém menos original. A atual fase, finalmente, começou há três anos, quando o artista passou a trabalhar com alguns brinquedos populares, mexendo com eles como se fossem esculturas. Logo Nassar percebeu que, no papel ou na tela, seria mais livre moldar os brinquedos à sua imaginação. Assim começaram os desenhos e os estudos que resultaram em sua pintura atual. “Roldanas de madeira, eixos de um carrinho, dentes de uma serra de latão - eu só uso os detalhes desses brinquedos”. Conta o artista. “Os brinquedos que eu faço são imaginários, servem só para as telas.”

GEOMETRIA INESPERADA - Ele consegue, em certos casos, manter detalhes realistas, como ao realizar um passarinho de madeira – típico brinquedo artesanal em várias áreas do país. Em nenhum momento, porém, torna-se um pintor de tema folclórico ou nacionalista, perigosa tentação para artistas que se preocupam com uma identidade brasileira na arte. “Não faço pintura regional”, afirma Nassar, “mas acho que ela está impregnada de alguma coisa que

vivencio no Pará.” Sua pintura usa apenas a inesperada geometria de objetos insólitos, para construir uma nova paisagem em que poucos elementos sejam distribuídos no espaço. É desnecessário saber algo sobre os brinquedos do Pará para perceber a força de suas telas. Professor de arte em Belém, onde trabalha num programa da Universidade do Pará, não acredita que possa influenciar os alunos com sua pintura. “como no mundo inteiro no momento, Belém tem seus pintores de paisagens e os que fazem retratos neo-expressionistas”, diz. O artista prefere manter-se isolado em seu estúdio. O ponto de partida para cada pintura é sempre algum detalhe realista, e, por isso mesmo, hoje ele tem uma vasta coleção de brinquedos e objetos que lhe servem de inspiração. Em geral Nassar usa poucos detalhes em cada pintura, para distribuir melhor o espaço. E recorre às cores fortes, àqueles tons de quem está acostumado a conviver com outra intensidade de luz tropical. Mais que isso, porém, seus trabalhos são tão articulados que, além do impacto visual, ainda reativam no público um pouco da memória afetiva suscitada pelas geringonças de lata e madeira, típicas de um mundo em extinção.

Casimiro Xavier de Mendonça
Veja, 8 fevereiro 1984